



Discurso & Sociedad

Copyright © 2019
ISSN 1887-4606
Vol. 13(3) 370-382
www.dissoc.org

Artículo

Operações enunciativas do discurso da extrema-direita

*Enunciative operations of the far-right
discourse*

Jose Luiz Fiorin
Universidade de São Paulo

Resumen

Las operaciones enunciativas utilizadas para construir un discurso le dan su característica particular. El discurso de la extrema derecha presenta las siguientes operaciones enunciativas: universalización abstracta, identificación entre nación y gobierno, superposición de un isótopo nacionalista y religioso. La primera de estas operaciones crea la idea de una nación no dividida, sin separaciones ni divisiones. De esta noción surge la naturalización de los valores nacionales, el culto a la tradición, el rechazo de la modernidad, el antiintelectualismo, el rechazo de la discordia y la creación de enemigos internos, el desprecio por los que se consideran más débiles (machismo, homofobia, por ejemplo) y así sucesivamente. Este discurso se expresa en una retórica marcada por ejemplos destacados, hipérbolos, eufemismos y oxímoros. Las características de este discurso son marcas de lo que Umberto Eco llamó "fascismo eterno".

Palabras clave: *universalización abstracta; naturalización de la realidad, enemigos internos, lealtad al jefe, retórica.*

Abstract

Enunciative operations used to construct a discourse accord it a particular appearance. The far-right discourse utilizes the following enunciative operations: abstract universalization; identification between nation and government and the overlapping of nationalist and religious isotopy. The first operation yields the idea of an undivided nation, with no internal separations, an idea which leads to: the naturalization of national values; the worship of tradition; the refusal of modernity; anti-intellectualism, the rejection of disagreement; the creation of internal enemies; disdain for those seen as weak (e.g. through machismo and homophobia), fealty and so on. This discourse is conveyed through a rhetoric characterized by hyperbole, euphemisms, oxymoron and salient examples. The characteristics of such discourse are features of what Umberto Eco has called "eternal fascism".

Keywords: *abstract universalization; naturalization of reality; internal enemies; fealty; rhetoric.*

O discurso da extrema-direita é constituído de um conjunto de operações enunciativas que lhe dão uma feição particular. A primeira é a universalização abstrata, ou seja, a negação das diferenças, para afirmar uma unidade superior que engloba contrários e contraditórios. É o mecanismo de construção dos mitos. Essa unidade superior é a nação. Jair Bolsonaro, em seu discurso de posse, disse:

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas, para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. [...] Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã (*Destakjornal*, 1/1/2019).

No discurso no parlatório, asseverou:

É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como Presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto (*O Globo online*, 1/1/2019).

Ao final, ergueu uma bandeira brasileira e afiançou: “Essa é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela” (*O Globo online*, 1/1/2019).

A comunidade brasileira é homogênea, sem separações e divisões. A prova dessa homogeneidade foi a eleição de um presidente da República que defende os “verdadeiros” valores da nação. Ricardo Vélez afirma:

Pretendo colocar a gestão da Educação e a elaboração de normas no contexto da preservação de valores caros à sociedade brasileira, que, na sua essência, é conservadora e avessa a experiências que pretendem passar por cima de valores tradicionais ligados à preservação da família e da moral humanista. (*Hoje em dia online*, 23/11/2018).

Como se vê, o Estado é o agente da estratégia nacional, encarregado de voltar aos valores reais da nação brasileira, que são valores conservadores. O governo, por encarnar esses valores, tem legitimidade para estabelecer uma luta contra tudo o que pode desvirtuá-los. Como se vê, nessa universalização abstrata, nação, Estado e governo estão unidos, são intercambiáveis. Isso é o que diz o slogan da campanha de Bolsonaro: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”.

Essa identificação é a segunda operação enunciativa do discurso da extrema-direita. Um exemplo dessa confusão entre governo e nação é a carta de

Ricardo Vélez aos diretores de escola para ser lida para todos os membros de cada comunidade escolar:

Brasileiros! Vamos saudar o Brasil dos novos tempos e celebrar a educação responsável e de qualidade a ser desenvolvida na nossa escola pelos professores, em benefício de vocês, alunos, que constituem a nova geração. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos (*Folha de S. Paulo online*, 25/2/2019).

As únicas diferenças admissíveis são aquelas consideradas naturais. Como disse a ministra Damares Alves, estamos iniciando uma "nova era no Brasil", em que "menino veste azul e menina veste rosa" (*Folha de S. Paulo online*, 3/1/2019). Ao aceitar apenas as diferenças tidas por naturais, o que esse discurso pretende fazer é definir o papel de cada um na sociedade. Cada um tem uma tarefa dentro da sociedade e deve executá-la sem querer interferir na tarefa do outro. Se cada um executar sua função, e apenas ela, isso redundará em benefício para todos.

Essa ideia funcionalista é a concepção de dominação, que é bem antiga e sempre foi usada pelos grupos sociais dominantes. No século I A.C., Menênio Agripa procurava pacificar a plebe romana, mostrando que a sociedade deve ser solidária como os órgãos do corpo humano. O estômago precisa das mãos, da boca e dos dentes, assim como estes necessitam daquele. Devem estar solidários, mas cada um deve executar a tarefa que a natureza lhe reservou, senão o corpo todo ficará arruinado (Tito Lívio, 1950, II, 32, 8-12).

Essa concepção traduz a ideia da naturalidade da divisão social entre dominantes e dominados. Segundo essa concepção, a sociedade é um eixo vertical e uns localizam-se no espaço superior e outros, no inferior. Dentro dessa cosmovisão, a virtude máxima dos grupos subalternos é a obediência às decisões dos que podem decidir. Afinal, a natureza estabeleceu as funções de cada um dentro da sociedade.

Além disso, esse discurso tem um desprezo por aqueles considerados mais fracos. É isso que explica o machismo e a homofobia nele presentes. Bolsonaro, em palestra na Hebraica, no Rio de Janeiro disse: "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher" (*Revista Fórum online*, 5/4/2017).

Outra operação enunciativa, nesse discurso, é a criação de duas isotopias e sua superposição: a nacionalista e a religiosa.

A primeira não só cria a noção de uma comunidade indivisa, mas "permite colocar a divisão fora do campo nacional (isto é, na terra estrangeira)" (Chauí, 1980: 21). No discurso da extrema-direita, a distinção entre nacional e estrangeiro não é espacial, uma vez que a nação, a rigor, não é um espaço, mas

é ideológica, pois a nação é um conjunto de valores. Assim, esse discurso, fundado numa axiologia simplista, que estabelece uma luta entre o bem e o mal, estabelece inimigos internos, que são os que não comungam dos valores conservadores que caracterizam a nação brasileira. Num vídeo veiculado antes do segundo turno das eleições, Bolsonaro afirmou que haveria uma faxina “muito mais ampla” de adversários: “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria” (*Notícias Uol*, 28/10/2018).

Os verdadeiros brasileiros foram definidos por Jair Bolsonaro numa comemoração militar no Rio de Janeiro:

A missão (exercício da presidência da República) será cumprida ao lado das pessoas de bem do nosso Brasil, daqueles que amam a pátria, daqueles que respeitam a família, daqueles que querem aproximação com países que têm ideologia semelhante à nossa, daqueles que amam a democracia (*Folha de S. Paulo online*, 7/3/2019).

Como se percebe, esse discurso começa a operar uma subversão semântica, pois considera que os que amam a pátria, os que respeitam a família e os que amam a democracia são apenas os que comungam os ideais do governo. Os outros são o inimigo interno, os vermelhos: “Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria. [...] Essa pátria é nossa. Não é dessa gangue que tem uma bandeira vermelha e tem a cabeça lavada” (Jair Bolsonaro, *Veja*, 26/12/2018, p. 132).

As duas grandes causas da extrema-direita são o “marxismo cultural” e a “ideologia de gênero”.

Segundo seu discurso, trava-se no mundo um confronto ideológico entre a democracia e o marxismo. Nas últimas décadas, está em curso a implantação do comunismo no Brasil. Nessa teoria conspiratória, o filósofo Antonio Gramsci, com seu conceito de hegemonia, seria o ponto de apoio teórico de um movimento global de aniquilação da civilização ocidental e seus valores cristãos e de sua substituição por valores, como feminismo, multiculturalismo, direitos dos gays e ateísmo. Não se trata, como se pensava anteriormente, de uma tomada do poder do Estado e do controle dos meios de produção, mas de uma desintegração de nossos valores tradicionais operada pelas instituições educativas, políticas e culturais. O grande objetivo da esquerda atualmente, segundo a extrema-direita, não é a busca do poder pelas armas, mas a luta no campo da cultura, assumindo o poder em instituições como jornais, meios de comunicação de massa, universidades, escolas do ensino fundamental e médio,

editoras e assim por diante, com o objetivo de destruir a civilização ocidental. Esse programa teria sido delineado pelos teóricos da Escola de Frankfurt.

A subversão semântica continua a operar. O antônimo de comunismo é capitalismo. No entanto, ele é, no discurso da extrema-direita, substituído pela oposição socialismo vs. civilização ocidental. A ideia de que a contradição fundamental do mundo contemporâneo é entre esses dois termos tem a função de mascarar as contradições existentes na sociedade, unindo a todos em torno da pátria ameaçada. É, por isso, que se deve travar uma luta sem tréguas contra o globalismo, que é uma política internacionalista, que pressupõe um processo mundial de tomada de decisões, harmonizando leis e regulamentos. O globalismo supõe que o Estado-Nação se tornou obsoleto e deve ser substituído por um poder político transnacional que esteja imune aos “desastros” dos povos. Por isso, o chanceler brasileiro, Ernesto Araújo, definiu, em seu discurso de posse, o objetivo da “luta extraordinária” do Presidente Bolsonaro como o de “reconquistar o Brasil e devolver o Brasil aos brasileiros” (*Folha de S. Paulo online*, 3/1/2019). Ele coloca-se contra a ideia de uma realidade transnacional:

Lembrar-se da pátria. Não é lembrar-se da ordem liberal internacional, não é lembrar-se da ordem global, não é lembrar-se do que diz o último artigo da Foreign Affairs ou a última matéria do New York Times. É lembrar-se da pátria como uma realidade essencial. Não estamos aqui para trabalhar pela ordem global. Aqui é o Brasil. [...] Vamos ler menos The New York Times, e mais José de Alencar e Gonçalves Dias. Vamos escutar menos a CNN e mais Raul Seixas” (*Folha de S. Paulo online*, 3/1/2019).

Não nos enganemos pensando que o chanceler coloca-se contra a cultura estadunidense. Para ele, o The New York Times e a CNN são porta-vozes desse movimento transnacional. Ele continua:

Para destruir a humanidade é preciso acabar com as nações e afastar o homem de Deus, e é isso que estão tentando, e é contra isso que nos insurgimos.

O globalismo se constitui no ódio, através das suas várias ramificações ideológicas e seus instrumentos contrários à nação, contrários à natureza humana, e contrários ao próprio nascimento humano. Nação, natureza e nascimento, todos provêm da mesma raiz etimológica e isso se dá porque possuem entre si uma conexão profunda.

Aqueles que dizem que não existem homens e mulheres são os mesmos que pregam que os países não têm direito a guardar suas fronteiras, são os mesmos que propalam que um feto humano é um amontoado de células descartável, são os mesmos que dizem que a espécie humana é uma doença e que deveria desaparecer para salvar o planeta. Por isso a luta pela nação é a mesma luta pela família e a mesma luta pela vida, a mesma luta pela humanidade em sua dignidade infinita de criatura. [...]

Não deixem o globalismo matar a sua alma em nome da competitividade. Não acreditem no que o globalismo diz quando diz que para ter eficiência econômica é preciso sufocar

o coração da pátria e não amar a pátria. Não escutem o globalismo quando ele diz que paz significa não lutar. (*Folha de S. Paulo online*, 3/1/2019).

Tudo passa a ser visto por essa ótica da luta entre a direita e a esquerda. Por exemplo, na alfabetização, o método fônico é visto como de direita, enquanto o construtivista é considerado como de esquerda (*Folha de S. Paulo online*, 27/11/2018).

A segunda isotopia desse discurso é a religiosa, como fica claro no slogan de campanha: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. No discurso de posse, o chanceler diz:

Além da oikofobia, o ódio contra o próprio lar, deveria preocupar-nos, também, cada vez mais, a teofobia, o ódio contra Deus. Há uma teofobia horrenda, gritante, na nossa cultura. Não só no Brasil, em todo o mundo. Um ódio contra Deus, proveniente sabe-se lá de onde, canalizado por todos os códigos de pensamento e de não pensamento que perfazem a agenda global (*Folha de S. Paulo online*, 3/1/2019).

Dameres Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, deixa clara a visão religiosa que permeia esse discurso, ao afirmar, em 2013, em entrevista a um portal evangélico, que a Igreja errou ao deixar a teoria da evolução entrar nas escolas:

A igreja evangélica perdeu espaço na História. Nós perdemos o espaço na ciência quando nós deixamos a teoria da evolução entrar nas escolas. Quando nós não questionamos. Quando nós não fomos ocupar a ciência. A igreja evangélica deixou a ciência para lá. “Ah, vamos deixar a ciência caminhar sozinha”. E aí cientistas tomaram conta dessa área. E nós nos afastamos (*O Globo online*, 9/1/2019).

Iolene Lima, secretária substituta da Secretaria do Ensino Básico traça o seguinte plano de ensino para as escolas:

Numa cosmovisão cristã, o aluno vai aprender que o autor da história é Deus, o realizador da geografia é Deus. Deus fez as planícies, Deus fez o relevo, Deus fez o clima (*Veja*, 27/3/2019, p. 30).

A luta desse governo é uma “cruzada” para salvar a civilização ocidental da destruição promovida pelo “marxismo cultural”. Ernesto Araújo afirma que o Ocidente é “espiritualmente fraco”, pelo “abandono de sua identidade cristã” (*Carta Capital online*, 27/11/2018).

Essas duas isotopias superpõem-se e, por isso, o chanceler considera Donald Trump o “salvador” da civilização ocidental, por ter centrado toda sua política no antiglobalismo e na ideia da “América em primeiro lugar”.

Instaura-se uma política permeada pela religião, pois se pretende “regenerar o Brasil”, instalando um reino da retidão e submetendo os governados a um único padrão, a conduta correta. Seus opositores são denunciados por degeneração sexual e declínio moral. Para Ricardo Vélez, as escolas devem restaurar os “valores tradicionais da sociedade [...], da família e da religião” (<http://caminhodasletras2015.blogspot.com/2019/02/>).

A “ideologia de gênero” torna-se uma obsessão. Investe-se contra a noção de que os papéis sexuais são *construções culturais e sociais*. Admitir isso seria acolher a tese de que a sociedade é permeada pela diversidade. Ora, esse discurso aceita apenas a ideia de que as diferenças existentes na sociedade são as consideradas naturais.

Esse discurso é um discurso reacionário. Por isso, os objetivos do governo Bolsonaro são expressos por um léxico que se encontra sob a égide do prefixo *-re*, que indica a volta a um estado anterior, onde havia “ordem”. No discurso de posse, no Congresso Nacional, Bolsonaro convocou os congressistas a ajudar na missão de “restaurar e de reerguer nossa pátria” (*Destakjornal*, 1/1/2019). O chanceler afirma que o Brasil vive um momento de “regeneração” (*Estadão online*, 14/11/2018).

Além disso, esse discurso tem horror à mediação e, portanto, à política. O presidente formou seu ministério sem levar em conta a necessidade de formar uma base política. Na verdade, ele demonstra repulsa à representação, porque o que se pretende é uma identificação com o Chefe, encarnação de todos os valores constituintes da verdadeira nacionalidade, o que exige lealdade a ele. Por isso, Bolsonaro tem um forte apego às teorias da conspiração:

As repartições estão infestadas de esquerdistas, a imprensa quer derrubar o governo, a Igreja Católica conspira em nível mundial e há militares pensando em se sentar na cadeira no presidente (Bolsonaro, *Veja*, 27/2/2019, p. 34).

Querem derrubar o governo com chantagens, desinformações e vazamentos (Bolsonaro, *Veja*, 20/3/2019, p. 32).

Há um anti-intelectualismo nesse discurso: os conhecimentos que interessam são aqueles considerados úteis. Em uma polêmica sobre uma questão do ENEM, que tratava de dialetos existentes numa língua, usando como exemplo o pajubá, Bolsonaro afirmou:

Uma questão de prova que entra na dialética, na linguagem secreta de travesti, não tem nada a ver, não mede conhecimento nenhum. A não ser obrigar para que no futuro a garotada se interesse mais por esse assunto. Temos que fazer com que o Enem cobre conhecimentos úteis (*Educação Uol*, 5/11/2018).

Conhecimentos úteis são português, matemática, etc. No entanto, é curioso que esses conhecimentos não estejam ao alcance das autoridades governamentais. O novo presidente do INEP, Marcus Vinícius Rodrigues, disse que a prova do ENEM será eficaz na formação de “cidadões (sic) íntegros, éticos, com conhecimento e trabalhadores” (*Folha de S. Paulo online*, 24/1/2019). Aprender os plurais dos substantivos terminados em *-ão* exige uma frequência aos livros, que o presidente do INEP não deve ter.

Esse discurso pretende-se não ideológico. Em seu discurso de posse, perante o Congresso Nacional, Bolsonaro afirmou, por exemplo, que sua missão é

[...] restaurar e reerguer nossa pátria, libertando-a definitivamente do julgo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. [...] O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas [...]. Precisamos criar um ciclo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico (*Folha de S. Paulo online*, 1º/1/2019).

Muda-se o sentido dessa palavra. No discurso da extrema-direita, ela passa a significar “visão de mundo da esquerda”. A direita não tem ideologia, ela atém-se aos fatos, por isso, segundo ela, seu ponto de vista sobre as coisas é sempre verdadeiro, enquanto o da esquerda é distorcido por essa construção social fantasiosa.

Esse discurso vale-se de uma retórica fundada em quatro operações enunciativas: exemplarização saliente, hiperbolização, eufemização e oximorização.

Lakoff e Duran, em artigo publicado no *The Guardian*, em 13/6/2018, analisaram estratégias discursivas de Donald Trump: uma delas é o uso do “exemplo saliente”, que é a utilização, de forma sensacionalista, de um caso raro e negativo para representar um grupo social (*Theguardian on line*). Os dois autores consideram essa operação enunciativa como parte do discurso do ódio, ou seja, o discurso que tem o objetivo de menosprezar, difamar ou desumanizar um grupo social, atribuindo-lhe certas características inerentes, como, por exemplo, imoralidade, inferioridade intelectual, falta de patriotismo, preguiça. Numa mensagem no Twitter, Bolsonaro, durante o carnaval de 2019, postou um vídeo com conteúdo escatológico e afirmou que não se sentia “confortável em

mostrar”, mas que tinha “que expor a verdade para a população ter conhecimento e sempre tomar suas prioridades”. Continua: “É isto que tem virado muitos blocos de rua no carnaval brasileiro. Comentem e tirem suas conclusões” (*Exame online*, 6/3/2019).

Toma um evento isolado para estabelecer a imoralidade e a degeneração dos carnavalescos. Trata-se novamente de uma subversão semântica, pois o fato particular não permite a generalização feita. Esse é um procedimento recorrente na retórica de Jair Bolsonaro. Numa palestra realizada em 3 de abril de 2017, no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, ele afirmou que visitou uma comunidade quilombola e “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas”. Disse também: “Não fazem nada, eu acho que nem pra procriador servem mais” (*Estadão online*, 3/10/2017). Nesse caso, generaliza uma característica para todos os quilombolas.

Esse raciocínio é um sofisma de indução, pois se chega à generalização com uma enumeração insuficiente de casos particulares. A questão da enumeração é central no raciocínio indutivo. As ciências experimentais trabalham com modelos estatísticos para determinar os indivíduos suficientes para inferir uma conclusão. A mesma coisa fazem os institutos de opinião quando realizam enquetes, por exemplo, sobre preferências eleitorais ou sobre a opinião de determinada população sobre dado tema. A enumeração insuficiente leva a conclusões falsas, que nada mais são do que a manifestação de preconceitos. No entanto, o discurso na extrema-direita não está preocupado com o fato de estar realizando um sofisma. Almeja apenas encontrar exemplos salientes que permitam participar da luta ideológica.

Outra operação enunciativa dessa retórica é a hiperbolização, que é o uso intenso de hipérboles. A hipérbole é o tropo, em que há um aumento da intensidade semântica. Ao dizer de maneira mais forte alguma coisa, chama-se a atenção para aquilo que está sendo exposto. Na hipérbole, diz-se mais para significar menos, mas, por isso mesmo, enfatiza-se o que está sendo expresso. O ministro da Educação, em entrevista à revista *Veja*, disse que “viajando o brasileiro é um canibal. Rouba coisas dos hotéis, rouba o assento salva-vidas do avião; ele acha que sai de casa e pode carregar tudo. Esse é o tipo de coisa que tem de ser revertido na escola” (*Veja*, 6/2/2019, p. 11). Caroline Campagnolo, deputada estadual de Santa Catarina pelo PSL afirmou que “o feminismo é uma ameaça a toda ordem ocidental” (*Veja*, 27/2/2019, p. 32). No geral, a hiperbolização incide sobre as ações dos “inimigos”, consideradas altamente negativas, ou sobre o estado em que eles deixaram o Brasil:

Se eu tivesse que dar um conselho a quem é pai de menina, mãe de menina? Foge do Brasil. Você está no pior país da América do Sul para criar meninas (Damares Alves, *Veja*, 27/2/2019, p. 32).

A agenda globalista mira a divisão de classes. Pessoas divididas e sem valores são facilmente manipuladas. Mudar as diretrizes “educacionais” implementadas ao longo de décadas é uma de nossas metas para impedir o avanço da fábrica de militantes políticos para formarmos cidadãos (Bolsonaro, *Folha de S. Paulo online*, 4/3/2019).

Vamos acabar com todas as formas de ativismo no Brasil (Mensagem de Bolsonaro no Twitter).

Paralelamente à hiperbolização do que é considerado negativo na ação dos “inimigos internos”, há uma eufemização daquilo que esse inimigo reputa negativo na ação dos adeptos da extrema-direita ou daquilo que eles mesmos veem como negativo.

O eufemismo é o tropo, em que há uma diminuição da intensidade semântica, com a utilização de uma expressão atenuada para dizer alguma coisa desagradável. No eufemismo, diz-se menos para significar mais.

Dora Kramer, em artigo crítico ao andamento do governo Bolsonaro, cita um eufemismo usado por seus membros ao dizer que é preciso fazer uma correção de rumos mesmo que, para isso, precisem ser adotadas “diretrizes mais enérgicas”. Esse é um eufemismo para a troca dos titulares de algumas pastas que têm criado problemas (*Veja*, 20/3/2019, p. 37).

Em janeiro de 2012, Jair Bolsonaro foi flagrado num bote inflável, dentro de uma área de proteção ambiental, em que a presença humana é proibida. Tinha uma vara de pesca na mão, atividade ilegal numa reserva. Mas, para o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, nada disso é evidência suficiente para a autuação: “Ele não foi multado por pescar. Ele foi multado porque estava com uma vara de pesca. O fiscal presumiu que ele estava pescando” (*Hebdolatino online*, 10/12/2018).

O acontecimento por excelência tratado por eufemismos é o golpe militar de 1964: não é chamado golpe, mas “movimento de 1964” (*Folha de S. Paulo*, 1º/10/2018). Numa entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, o general Aléssio Ribeiro Souto, ao tratar da questão dos assassinatos e tortura de opositores da ditadura, acha que a escola deveria falar em “guerra” entre “dois lados”, seriam “mortes em confronto” (*Estadão*, 15/10/2018).

As contradições aparecem. Por isso, há uma oximorização desse discurso. É o uso da figura de retórica denominada oximoro, em que se combinam numa mesma expressão elementos linguísticos semanticamente opostos. Esse tropo tem a finalidade de apreender as aporias, os paradoxos, as incoerências de uma dada realidade. O oximoro no discurso da extrema-direita não torna o sentido

mais intenso, revela apenas suas incoerências. Apesar de Bolsonaro manifestar um discurso nacionalista (“Brasil acima de tudo”), incentiva atitudes pró-estadunidenses e pró-israelenses: em sua posse, seus partidários agitavam as bandeiras dos dois países, gritavam USA; ele bateu continência a bandeira estrangeira (*Veja online*, 18/1/2019).

As incoerências estão sempre presentes nesse discurso. Quando alguém se diz contra o decreto que flexibilizou as regras para a compra de armas de fogo, afirma-se: “Não quer ter arma, não compre”. Mas isso não vale para o aborto, o casamento gay e assim sucessivamente.

Esse discurso maximiza os extremos, eliminando a moderação na política, pois a vê como conflito, preferindo os confrontos, priorizando uma lógica de guerra permanente no país, fechando o espaço para consensos, negando-se a resolver as diferenças pela discussão e a negociação.

Umberto Eco escreveu um texto brilhante, em que discute as características do protofascismo ou do “fascismo eterno”. O discurso de nossa extrema-direita tem muitos desses traços: culto à tradição; recusa à modernidade, apesar de cultivar a tecnologia; anti-intelectualismo; recusa ao desacordo; medo da diferença; nacionalismo e apelo à xenofobia; obsessão da conspiração; luta entre o bem e o mal; desprezo por aqueles vistos como mais fracos (machismo, homofobia, etc.); populismo quantitativo; discurso com léxico pobre e sintaxe elementar (Eco, 2018). Eco termina seu texto dizendo que esse fascismo eterno está em redor de nós e que nosso dever é desmascará-lo, apontando cada uma de suas novas formas, a cada dia, em cada lugar do mundo, pois a luta pela liberdade, pela igualdade e pelo respeito à diferença não termina nunca.

Referências

- Chauí, M. (1980).** *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna.
- Eco, U. (2018).** *Fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record.
- Foucault, M. (2016).** *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard.
- Lívio, T. (1950).** *Histoire romaine*. Paris: Garnier.

Nota biográfica



Jose Luiz Fiorin é mestre e doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo. Fez pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris) e na Universidade de Bucareste. Fez livre-docência em Teoria e Análise do Texto. É Professor Associado do Departamento de Linguística da USP. Além de muitos artigos em revistas especializadas e capítulos de livros, publicou diversos livros, entre os quais *As astúcias da enunciação*; *Introdução ao pensamento de Bakhtin*; *O regime de 1964: discurso e ideologia*; *Figuras de retórica*; *Argumentação*. Organizou vários livros, entre os quais *Introdução à Linguística I e II*.

E-mail: jolufi@uol.com.br